

OS PROCESSOS DE CURA DE HOMOSSEXUAIS E SUAS INTERFACES COM OS SABERES DA PSICOLOGIA: UMA REFLEXÃO

Mateus Dias Pedrini
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
mateus_pedrini@hotmail.com

José Agostinho Correia Junior
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
correiaagostinho@uol.com.br

Introdução: A ciência como um ato político

Em vigor desde 1999, a resolução nº 001/1999 do Conselho Federal de Psicologia é um importante marco por delinear a prática dos psicólogos para/com a questão da orientação sexual. Dentre os vários artigos presentes nesse documento, podemos destacar:

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica. (CONSELHO, 1999)

Na tentativa de rever esta resolução, encontra-se em trâmite na Câmara dos Deputados desde 2011 o Projeto de Decreto Parlamentar (PDL) nº 234/2011, criado pelo Deputado Federal João Campos, da Bancada Fundamentalista Cristã¹. O projeto tem por objetivo retirar os artigos 3º e 4º da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 001/1999, pois nos argumentos presentes no próprio documento, entende-se que:

O Conselho Federal de Psicologia, ao restringir o trabalho dos profissionais e o direito da pessoa de receber orientação profissional, por intermédio do questionado ato normativo, extrapolou o seu poder regulamentar.

O Conselho Federal de Psicologia, ao criar e restringir direitos mediante resolução, usurpou a competência do Poder Legislativo, incorrendo em abuso de poder

¹ Mais conhecida por Bancada Evangélica, ela destaca-se por ser formada por deputados federais e senadores que defendem interesses fundamentados na Bíblia para suas atuações políticas. Além de João Campos, outros políticos são membros conhecidos nessa bancada, como o senador Magno Malta e o deputado federal Anthony Garotinho.

regulamentar, com graves implicações no plano jurídico-constitucional. (BRASIL, 2011)

Com o objetivo de discutir este projeto, foi realizada uma Audiência Pública no dia 28 de junho de 2012². No evento destacou-se a fala e a posição de Marisa Lobo, uma psicóloga que recebeu recente notoriedade nacional ao promover a cura de homossexuais e defendê-la nas redes sociais (GUERLEND, 2012). O evento foi marcado por muita discussão e brigas, pois a psicóloga foi muito criticada e vaiada por militantes LGBT, que estavam presentes ao evento e se revoltaram com sua posição. Além disso, o deputado federal Jean Wyllys, da Frente Parlamentar Mista pela Cidadania LGBT, rebateu as colocações da mesma, devido à sua falta de sustentação teórica em sua fala e da inconsistência em sua argumentação.

Outra posição favorável ao projeto foi a do autor do PDL nº 234/2011, o deputado João Campos, que reafirmou a extrapolação dos poderes do Conselho Federal de Psicologia. Dessa forma, os psicólogos estariam restringindo o direito das pessoas de quererem se curar da homossexualidade por meio de tratamento psicológico. Outra voz favorável foi a do deputado federal Jair Bolsonaro, que repudiou o objetivo de desconstrução da heteronormatividade por parte do movimento LGBT, ressaltando alguma dessas ações, como o “Kit Gay”³ e o “IX Seminário LGBT Infantil”⁴.

Valendo-se de toda a discussão gerada pelo PDL e pela audiência pública aqui citada podemos entender o caráter político das verdades produzidas pelas ciências, pois durante anos elas foram responsáveis pelo binarismo homossexual-heterossexual, fazendo do primeiro muitas vezes passível de ser doencificado e, portanto, curável por razões acobertadas pelos próprios conhecimentos científicos (FRY e MACRAE, 1984). Essas verdades produzidas trazem consigo efeitos de poder que, além de polarizar as relações entre normal e patológico, são capazes de gerar modos de vida e produzir verdades nos mais variados espaços de poder: “nada é mais inconsciente que um regime políticos indiferente à verdade; mas nada é mais

² Essa audiência pode ser vista na íntegra no seguinte link: <http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/webcamara/videoArquivo?codSessao=00021452>. Acesso em 01 de julho de 2012.

³ Nas palavras do próprio deputado, referindo-se ao Kit “Escola sem Homofobia”, que foi vetado pela Presidenta Dilma Rousseff em 2011.

⁴ Nas palavras do próprio deputado, referindo-se ao IX Seminário de LGBT no Congresso Nacional, realizado no dia 15 de maio de 2012.

perigoso que um sistema político que pretende prescrever a verdade” (FOUCAULT, 1994, apud CANDIOTTO, 2010, p. 169).

As formas como se fazem valer os saberes/poderes para/com a sexualidade humana tornam-se verdades produzidas historicamente e socialmente, em que os mecanismos que moldam, subvertem e criam subjetividades para ela tem por objetivo fazer todo um modo de ser e estar no mundo que torna as práticas sexuais mais eficazes (FOUCAULT, 1985). O que seria a homossexualidade se não um desviante que deve ser redirecionado de suas discontinuidades através destes mecanismos de saber/poder, justamente por não se encaixar nas lógicas normatizantes? Assim ela foi reconhecida como doença ao longo de várias décadas, o que apresenta reflexos ainda hoje.

Porém, estes mecanismos capazes de gerar leis e normas para/com a sexualidade não impedem as proliferações das várias sexualidades possíveis, pois “é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações de poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas” (FOUCAULT, 1985, p. 48). A sexualidade não se faz por um processo de repressão e exclusão social, mas através de todo um processo de afirmação do diferente, produzindo, criando e reverberando as várias sexualidades possíveis. A homossexualidade como se conhece, portanto, trata-se de um produto histórico e cultural que acontece nas frestas e nas possibilidades do ser.

Se a entendermos como uma produção política, ela revela as tensões das relações de poder e se torna um terreno fértil de análise e discussão, uma vez que essas produções não se tornam naturalizadas e/ou determinadas pelo imutável, mas são criadas através de vários processos históricos, sociais, políticos e culturais. Assim, torna-se necessário considerar “o caráter político, as relações de poder que compõem este plano, as relações de forças implicadas no processo de produção. Afirmamos ser o plano das forças, produtoras da forma subjetiva, uma dimensão própria à subjetividade” (TEDESCO, 2007, p. 141).

Portanto, não somente o PDL criado por João Campos torna-se um discurso produtor de supostas verdades, mas também o Conselho Federal de Psicologia, ao atuar politicamente e cientificamente enquanto um espaço que não patologiza a homossexualidade, mas a entende como uma orientação sexual e uma possibilidade de vida. A Psicologia, suas atuações e

saberes não escapam dessa discussão, pois seus discursos e saberes para/com a homossexualidade mudaram e continuam a mudar de acordo com os vários momentos e contextos, demarcando novos modos de pensar e agir. Como nos lembra Teixeira Filho:

“Durante muito tempo, na história da Psicologia, usamos as interpretações destes fatos para promover, incentivar e avolumar a desigualdade entre as pessoas corroborando para a produção do sofrimento psíquico. Infelizmente, também faz parte da história da psicologia, certa dose de discursos homofóbicos. É preciso reconhecer isso justamente para que possamos melhor delimitar a distância que nos separa daqueles que ainda reproduzem, legitimam e insistem na homofobia” (2011, p. 42).

Tomando como discussão as reflexões causadas pela Audiência Pública de 28 de junho de 2012 e tendo em vista os fatos e ideias aqui apresentados, este artigo tem por objetivo refletir as relações entre os supostos processos de cura de homossexuais e os saberes da psicologia ao longo dos vários momentos/processos históricos, políticos, sociais e culturais. Encontramos um forte espaço de reflexão e análise para essa temática, uma vez que ela é pouco discutida em outros espaços capazes de dialogar com o tema, sendo deixada a cargo, muitas vezes, para o próprio Conselho Federal de Psicologia e o Poder Legislativo.

Homossexualidade ao longo das ciências: O que nós fizemos dela?

Durante anos, os saberes a respeito da sexualidade estiveram sobre forte influência de fundamentos religiosos e produziu-se uma série de verdades que valorizaram a união fértil e estável capaz de gerar procriações para assim poder perpetuar a espécie. Logo, os indivíduos incapazes de gerar crias, como os estéreis e os homossexuais, não eram aceitos e, portanto, condenados por suas ações (PAULA e TAKAHASHI, 2009; WEEKS, 2010). Com o advento das sociedades industriais do século XIX, observou-se um apoderamento de vários outros espaços de saber a respeito da homossexualidade, como as ciências e a medicina, produzindo novas verdades normatizantes acobertadas pelos próprios saberes científicos. Surge, então, uma nova dinâmica social: a homossexualidade passa a ser corporificada e associada ao indivíduo homossexual (WEEKS, 2010).

Muitos trabalhos científicos tentaram tratar a homossexualidade como uma doença, com o objetivo de normatizar as práticas sexuais. Dentre os vários estudos na área, podemos destacar os de Krafft-Ebing, Havelock Ellis e Magnus Hirschfeld, cientistas do século XIX que produziram toda uma série de verdades patologizantes da homossexualidade, sendo associada a uma doença congênita ou a uma perversão capaz de ser curada (FRY, e

MACRAE, 1984; TONIETTE, 2005; WEEKS, 2010). Esses trabalhos apresentaram uma forte influência dos modelos higienistas da época, buscando realizar toda uma limpeza e organização dos espaços urbanos, além da normatização de condutas sociais para a melhor eficácia de suas ações (COSTA, 2004, citado por TONIETTE, 2005).

Muitos tratamentos surgiram na época para curar a homossexualidade baseando-se nesses conceitos e, em um deles, observamos que o indivíduo homossexual poderia ser facilmente curado através da injeção ou ingestão de hormônios. Na lógica desse tratamento, essas pessoas estariam com uma insuficiência hormonal e, logo, a reposição dos hormônios sexuais poderia torná-los heterossexuais (DANIEL e BRAUDRY, 1977). Apesar da lógica científica presente neste tipo de tratamento, ele apresentou uma série de problemas, uma vez que não ocorria modificações na orientação sexual das pessoas tratadas, mas modificavam-se de acordo com os efeitos gerados pela nova quantidade de hormônios presente em seus corpos, como o aumento do apetite sexual e o surgimento de características sexuais secundárias (barba, músculo, entre outros). Revelando sua falta de eficácia, tal tratamento teve de ser abandonado.

Assim, podemos entender que alguns desses trabalhos tornaram-se de um forte caráter biologizante, apontando para três direções de normatização das condutas sexuais: hereditariedade, defeitos congênitos e desequilíbrios hormonais (FRY, e MACRAE, 1984). Apesar disso, torna-se necessário lembrar um outro estudo de caráter biológico, mas que não apresenta uma tentativa de curar ou patologizar a homossexualidade: os trabalhos de Alfred Kinsey, que realizou uma ampla pesquisa sobre os comportamentos sexuais de homens e mulheres, gerando polêmica e debates na conservadora sociedade americana da década de 40⁵. Segundo o biólogo, ao contrário de outros teóricos aqui apresentados, as características sexuais não consistem em um universo compartimentado de categorias nitidamente demarcadas, mas sim através de uma graduação contínua de atitudes comportamentais (SIMÕES e FACCHINI, 2009). Assim:

“Os machos não se dividem em dois grupos distintos: os heterossexuais e os homossexuais. O mundo não está dividido em ovelhas e carneiros. Nem todas as coisas são negras, nem todas são brancas. E um princípio fundamental do sistema de classificação que raramente na Natureza se encontram categorias nitidamente separadas. Só a mente humana inventa as categorias e tenta abrigar os fatos em

⁵ A vida de Alfred Kinsey e seus estudos são abordados na cinebiografia “Kinsey: vamos falar de sexo” (Fox Films, 2003).

compartimentos separados. O mundo vivente representa uma continuidade em todos os seus aspectos. Quanto mais depressa aprendermos esta noção, aplicando-a ao comportamento sexual do homem, tanto mais depressa compreenderemos claramente o que é a realidade do sexo.” (KINSEY, 1972, citado por SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 32).

Dentre os vários saberes que circulam na Psicologia que buscam explicações a respeito da homossexualidade encontra-se o campo da Psicanálise, que também ofereceu importantes contribuições para essa discussão. Freud, em seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, abre espaço para a discussão das variantes da sexualidade e os invertidos, como ele mesmo os denomina, tratam-se daqueles indivíduos que tem como objeto sexual pessoas de seu mesmo sexo, podendo ser dividido em três categorias: *invertido absoluto*, que sente atração somente por indivíduos do mesmo sexo; *invertido anfígeno* que tem como objeto sexual tanto indivíduos do mesmo sexo quanto indivíduos do sexo oposto; e o *invertido ocasional*, que é afetado por causas externas quando seu objeto sexual se torna inacessível (FREUD, 1982).

Freud não estava preocupado com a cura da homossexualidade, mas com a busca de seus motivos e a importância desta questão no êxito do processo de análise. Dos vários pacientes que surgiram em seu consultório, ele observa a forma como os laços familiares no passado da infância podem influenciar na vida sexual do adulto e, no caso da homossexualidade, a grande afeição da figura feminina da mãe associada à figura repressiva do pai tornam-se cruciais para que ela aconteça. Em um caráter marcadamente narcísico, o homossexual reprime seu amor pela mãe e se coloca em seu lugar por um processo de identificação, produzindo um autoerotismo (FREUD, 1982; GAY, 1989).

Curiosamente, em momentos finais de sua vida, Freud reanalisa a homossexualidade como algo tão complexo e difícil de ser explicada quanto a heterossexualidade, pois as relações de amizade também estariam associadas a possíveis relações homoeróticas:

“Não partilho do meu desdém pela amizade entre os homens, provavelmente porque estou nela envolvido em alto grau. Na minha vida, como você bem sabe, a mulher nunca substituiu o camarada, o amigo”. Freud escreveu essa avaliação de si mesmo quando sua intimidade com Fliess já havia diminuído, e podia-se permitir ter uma visão clara. Em 1910, examinando retrospectivamente esse relacionamento decisivo, Freud disse claramente a vários de seus discípulos mais próximos que sua ligação com Fliess contivera um elemento homossexual.” (GAY, 1989, p. 95).

Em outras correntes teóricas muito estudadas no campo psi e que muito são utilizadas para justificar os processos de cura de homossexuais estão as teorias comportamentais. A exemplo

do Behaviorismo Clássico, ou Behaviorismo Metodológico, inaugurado em 1913 por James Watson, este tipo de estudo se propõe a pôr em análise apenas fatos observáveis, indo de encontro a toda uma proposta mentalista surgida na época, voltada para o estudo de processos mentais não observáveis. Para Watson, o comportamento refere-se a toda mudança que o organismo faz em resposta a um estímulo externo, baseado em um sistema estímulo-resposta (S - D). Nessa lógica mecanicista, todos os comportamentos seriam explicáveis e modeláveis e, assim, passíveis de serem previstos e controlados (COSTA, 2002).

Muitos tratamentos foram realizados baseados nesses preceitos, o que também inclui aqueles que se propuseram à cura de homossexuais que foram, inclusive, amplamente utilizado em sistemas penitenciários. O método, conhecido como “terapia de aversão”, consiste na exibição de uma série de imagens eróticas para o indivíduo a ser “curado” no mesmo momento em que recebe uma descarga elétrica ou injeção de drogas nauseantes⁶. Assim, na lógica do tratamento, ocorre ao indivíduo um pareamento de estímulos, onde ele associa a pessoa de seu mesmo sexo como algo aversivo. Como pode ser observado, tal método pode causar muito mais problemas do que propriamente soluções, pois nesse processo as pessoas podem ficar neuróticas, com problemas de resolução de sua própria sexualidade, além de poderem desenvolver traumas e medos em relação às pessoas do mesmo sexo (COLINS, 2004; DANIEL e BRAUDY, 1977).

Na tentativa de rever esta lógica mecanicista, incorporando ao Behaviorismo os estudos mentalista e o ambiente como espaços privilegiados e que influenciam o comportamento do indivíduo, surge em 1945 o Behaviorismo Radical de B. F. Skinner. Esta corrente filosófica do pensamento entende que o comportamento acontece na interação do indivíduo com o meio em que vive, criando um repertório comportamental operante, ou seja, uma série de comportamentos cuja probabilidade de ocorrerem é função de suas consequências. Assim, Skinner entende que o comportamento do ser humano se dá em um processo de tríplice contingência: Sd – R – Sr. Nessa tríade, “Sd” representa o estímulo discriminativo que inicia a situação de reforço; “R” representa a resposta deste estímulo; “Sr” representa o estímulo reforçador dessa contingência (COSTA, 2002).

⁶ Tal método ficou muito conhecido pelo filme “Laranja Mecânica” (Warner Bros, 1971). Nele, somos apresentados a Alex, um jovem considerado violento e irrecuperável que é preso e se submete a uma terapia de aversão em caráter experimental. Nesse tratamento, Alex assiste a uma série de imagens violentas enquanto é injetado em sua corrente sanguínea drogas nauseantes. Assim, Alex associa a violência como algo repulsivo e enjoativo, pois toda vez que for praticá-la irá se sentir mal. Apesar do foco do tratamento ser a “cura” da violência, ele dialoga com a “cura” de homossexuais em sua metodologia.

Tendo em vista esses preceitos, o comportamento sexual, o qual também abarca o comportamento homossexual, ocorre por essa tríplice contingência: um fator externo que inicia a situação de reforço elicia uma resposta e, assim, um estímulo reforçador. Relembrando as ideias de Guilhardi (2007):

“Os comportamentos e sentimentos homossexuais são instalados e mantidos como qualquer outro comportamento. São regidos, em suma, pelas mesmas leis e pelos mesmos princípios fundamentais que explicam as ações humanas. Nada os torna peculiares, nem idiossincráticos. Uma questão (não respondida de maneira convincente pela Ciência, até o momento) que se pode propor é se a suscetibilidade aos reforços sexuais é determinada pela constituição genética da pessoa ou é adquirida durante o processo de desenvolvimento comportamental, cognitivo e afetivo da pessoa, através de práticas sociais, culturais e familiares. Mas, sugerir tal dicotomia ("nature" ou "nurture"), não parece um caminho promissor. É mais compatível com o que se conhece sobre os determinantes dos comportamentos e sentimentos humanos enfatizar a influência recíproca, a interação entre os eventos biofisiológicos e ambientais. Como tal, não existe uma única causa ou determinante para os comportamentos homossexuais. São comportamentos multideterminados por complexa teia de contingências de reforçamento, que se influenciam através do desenvolvimento de cada ser humano e que vão formando pessoas em contínuo processo de transformação, e não homossexuais, como uma entidade substantiva que existe à parte dos outros seres humanos.”

Analisando os vários momentos históricos aqui apresentados podemos observar que o processo de produzir, criar e contar a história não se faz por um efeito causa-consequência, mas por uma série de acontecimentos que emergem nas relações de força e que agenciam uma série de fatores, dando valor ao fato histórico (LEMOS e CARDOSO JÚNIOR, 2006). Os momentos históricos aqui apresentados referentes ao saber científico a respeito da homossexualidade parecem associar-se ao conceito de cuidado de si, proposto por Michel Foucault, em que o filósofo nos convida ao exercício do pensar as nossas práticas e como elas são capazes de afetar as outras vidas que nos relacionamos (FOUCAULT, 1984). Assim, tão importante quanto tentar entender e explicar as origens da homossexualidade torna-se também necessário entender o que fazemos dela nesse suposto lugar de saber das ciências e como estes incidem e se fazem valer nas várias outras formas de vida.

Considerações finais e reflexões iniciais

Destacando toda a discussão gerada neste artigo, iniciada pelo PDL nº 234/2011 e pela Audiência Pública realizada para discutir este mesmo projeto, podemos perceber e entender os vários saberes que circulam nesses espaços e suas reverberações nos mais vários lugares de saber e produção de subjetividade. Nessa tensão entre prós e contras ao PDL são reveladas as

mais variadas tensões das relações de poder atuantes sobre a questão da homossexualidade e sobre as tentativas de sua compreensão, se fazendo valer nas mais variadas vozes e discursos.

Levantar os momentos históricos apresentados neste texto é lembrar das ciências como produtoras de verdades capazes de gerar normas biopolíticas⁷, produzindo modos de ser e estar no mundo de forma normatizante. Assim, o caráter positivista e neutro, baseado em olhares clínicos das ciências não se sustentam como a única forma de saber. As várias vozes desse suposto lugar de saber ecoam e se fazem valer nos mais diversos espaços e o fazer ciência, portanto, trata-se de uma linha tênue entre fazer moral e fazer ética, ou seja, entre matar as várias possibilidades de vida e/ou permitir que elas aconteçam.

Analisando por este ângulo, torna-se importante entender que o fazer psi, principalmente aquele referente à clínica, não é algo que se faz pautado na doencificação da vida. Mas, em uma sociedade extremamente ágil, patologizante e que necessita da “cura” de toda sorte de males possíveis, o trabalho deste profissional aparece em muitos momentos associado e procurado como aquele capaz de retirar todos os males da “alma”, em um caráter quase xamânico. Tal forma de pensar não só prejudica o trabalho do psicólogo, como também aqueles que o procuram e, analisando a questão da homossexualidade, procurar este serviço para tentar “curar-se” parece um movimento de reforço de preconceitos, moralismos e modos de vida normatizantes. Como bem lembra deputado Jean Wyllys na audiência pública:

“O discurso científico serviu por algum tempo à desumanização dos homossexuais, na medida em que a homossexualidade foi considerada como doença, mas a comunidade científica reviu isto, entendeu que a homossexualidade é uma orientação sexual, uma expressão da sexualidade humana, tanto quanto é a heterossexualidade — um sentimento profundo de si, do desejo, portanto não é doença.” (WYLLYS, 2012).

Se surgiram e continuam a surgir discursos que buscam entender a homossexualidade como uma doença eles não se fazem somente baseado em pressupostos bíblicos, mas também na base de preceitos, conceitos e ideias criadas pela ciência. A exemplo da própria homossexualidade, podemos observar nos anos 70 a consolidação de militâncias e movimentos sociais que reivindicavam direitos sexuais que tiveram forte influência no meio científico e marcaram a posição política deste. Além da resolução nº 001/1999, podemos citar outros exemplos que ilustram estas mudanças, tais como o reconhecimento da Associação

⁷ Termo utilizado por Michel Foucault para designar as políticas no movimento do vivo, ou seja, políticas criadas que incidem sobre a vida, produzindo modos e normas sociais capazes de afirmar ou matar as mais variadas formas de vida (FOUCAULT, 2003).

Americana de Psicologia (APA) da homossexualidade como uma orientação (NUNES e RAMOS, 2008) e a retirada em 1985, pelo Conselho Federal de Medicina, do código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças (CID), que definia a homossexualidade como uma patologia (SIMÕES e FACCHINI, 2009).

Esperamos com as reflexões neste texto expostas produzir algumas considerações e reflexões iniciais para uma questão de grande complexidade: a cura de homossexuais e suas interfaces com os saberes científicos e psi. Esperamos também com este trabalho convidar aos leitores a realizarem um exercício de pensar o uso que fazemos dos discursos científicos, haja vista as mutações e inovações pelas quais eles passam no tempo. Na esteira do pensamento de Foucault, que muito contribui para esta discussão:

“No interior dos seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas ; mas repele para o outro lado das suas margens toda uma teratologia do saber. O exterior de uma ciência está mais e menos povoado do que julgamos : certamente que há a experiência imediata, os temas imaginários que trazem e reconduzem incessantemente crenças sem memória ; mas talvez não haja erros em sentido estrito, porque o erro não pode surgir e ser avaliado senão no interior de uma prática definida ; em contrapartida, há monstros que circulam e cuja forma muda com a história do saber” (FOUCAULT, 2006, p. 33-34).

Referências:

BRASIL, República Federativa do. **Projeto de decreto legislativo nº 234 de 2011.** Disponível em <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=505415>>. Acesso em 30 de junho de 2012.

CANDIOTTO, Cesar. Ética e política em Michel Foucault. **Trans/Form/Ação**, v.33, n.2, p.157-176, 2010.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Os caminhos de Lapassade e da análise institucional: uma empresa possível. **Revista do departamento de psicologia – UFF**. V. 7, nº 1, p. 52-80, 1995.

CONSELHO Federal de Psicologia. **Resolução Cfp Nº 001/99 de 22 de Março de 1999.** Disponível em: <http://dhepsi.nucleoead.net/moodle/file.php/1/Mecanismos_Nacionais/Resolucao_CFP_001-99.pdf>. Acesso em: 1 de maio de 2011.

COSTA, Nazaré. **Terapia analítico-comportamental: dos fundamentos filosóficos à relação com o modelo cognitivista.** Santo André: Esetec editores associados, 2002.

DANIEL, Marc; BRAUDRY, Andre. **Os homossexuais**. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

FORMENTI, Lígia. Confusão marca audiência sobre projeto de 'Cura Gay'. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/confusao-marca-audiencia-sobre-projeto-de-cura-gay>.

Acesso em: 03 de julho de 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **Ditos e Escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Sexualidade**. Lisboa, Editora Livros do Brasil, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUERIOS, Rosario Farani Mansur. **Dicionário de etimologias**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

GUERLENDIA, Nádia. Conselho de Psicologia não participa de audiência sobre 'cura gay'. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1111961-conselho-de-psicologia-nao-participa-deaudiencia-sobre-cura-gay.shtml>. Acesso em 03 de julho de 2012.

GUILHARDI, Hélio José. Pergunta dos leitores: como a TCR vê a homossexualidade? **Jornal Sinal Verde**, ano 1, v. 5, 2007. Disponível em: http://www.terapiaporcontingencias.com.br/jornal/dialogo_edicao05.html. Acesso em 28 de agosto de 2012.

KINSEY: vamos falar de sexo. Direção: Bill Condon: Fox Films, 2003, 1DVD.

LARANJA mecânica. Direção: Stanley Kubrick: Warner Bros, 1971, 1DVD.

LEMOS, Flavia Cristina Silveira; CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. A genealogia em Foucault: uma trajetória. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 353-357, 2009.

NUNES, Eliana; RAMOS, Kátia Perez. Homossexualidade humana: estudos na área da biologia e da psicologia. Intellectus – **Revista Acadêmica Digital do Grupo POLIS Educacional**, a. 04, n. 5, 2008.

PAULA, Maria Angela de; TAKAHASHI, Renata Ferreira. Sexualidade humana: resgatando aspectos de sua trajetória ao longo da história. **Revista Estima**, v. 7, n. 1, p. 33-38, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

TEDESCO, Silvia. Subjetividade e seu plano de produção. In: QUEIROZ, André; CRUZ, Nina Velasco. **Foucault hoje?** Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia e sua relação com as práticas “psi”. In: Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (org). **Caderno temático nº 11 – Psicologia e diversidade sexual**. São Paulo: CRPSP, 2011.

TONIETTE, Marcelo Augusto. Um breve olhar histórico da homossexualidade. **Revista brasileira de sexualidade humana**, v. 17, n. 1, p. 41-52, 2006.

WEEKS, Jeffrey. Corpo e sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2000.

WYLLYS, Jean. Grave ameaça da bancada evangélica contra os direitos humanos de gays e lésbicas provoca reação da frente parlamentar LGBT. Disponível em: <http://jeanwyllys.com.br/wp/a-verdade-sobre-os-fatos-audiencia-publica-sobre-a-cura-gay>.

Acesso em 15 de agosto de 2012.